

DESENHO DE CAMPO E O CAMPO DO DESENHO

RESULTADOS DO USO DOS DIÁRIOS GRÁFICOS NA PRODUÇÃO DE ETNOGRAFIAS VISUAIS

Tanize Machado Garcia; Guilherme Rodrigues de Rodrigues
Departamento de Antropologia e Arqueologia - UFPel

Mercado Público de Pelotas

Na pesquisa antropológica, metodologia é um tema caro para condução de nossas reflexões e produção de nossas monografias. Assim, etnografia também é uma forma de criação (PEIRANO, 2014). Para isso, nós, antropólogas e antropólogos, pensamos em várias possibilidades que nos permitam contar como se dão as relações que observamos e participamos, no intuito de descrever detalhes dos universos de nossas pesquisas. Para isso destacamos dois universos distintos ligados pelo método do desenho como uma das principais ferramentas de apreensão dos sentidos de lugar.

Neste trabalho, pretendemos abordar nossos casos etnográficos que convergem em estudos sobre a cidade e as formas de habitar dos cidadãos que constroem seus significados. Apresentaremos o resultado gráfico da pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPel (RS), que pretendeu compreender as dinâmicas de relação entre as pessoas que frequentam o Mercado Público de Pelotas (RS) e do poder público que gere o patrimônio na cidade nas variadas formas de narrar o lugar. O desenho apareceu como forma de descrever conflitos e a negociação do espaço entre os variados grupos que constroem seu cotidiano. (GARCIA, 2018). O outro trabalho é a pesquisa etnográfica realizada no Bacharelado em Antropologia da UFPel (RS), que teve como universo de pesquisa pessoas com deficiência visual do Centro de Reabilitação Visual da Associação Escola Louis Braille (RODRIGUES, 2018). Nesse caso o desenho serviu como fonte de reflexão sobre elementos do campo, evidenciando informações que a priori passaram despercebidas pelo pesquisador.

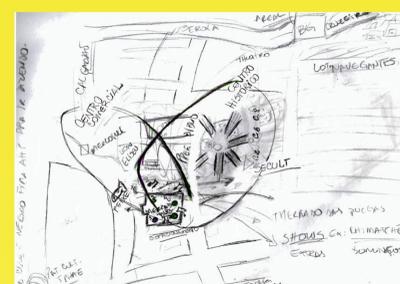
A partir de um curso de curta duração, no ano de 2017, o desenho passou a ser visto por nós como instrumento metodológico para narrar relações empíricas e como elemento fundamental para a escrita etnográfica. Tornou-se meio de contar fatos científicos. Além disso, desenhar para refletir sobre nossas produções, nos permitiu realizar mergulhos nos objetos de nossas pesquisas e, também, sobre a cidade e seus contextos, fluxos e conexões criados pelos atores sociais. De acordo com Kuschnir (2016), desenhar é um caminho de encontros para observar as dinâmicas sociais que muitas vezes não nos damos conta de que estão lá. Daí o desafio de incorporar o desenho como forma de inscrição das sensações dos pesquisadores em campo pelo recurso do diário gráfico (AZEVEDO, 2016); para a descrição de nossas situações de pesquisa, incorporando, por fim, o desenho no resultado de nossas etnografias. O diário gráfico foi importante ferramenta que contribuiu a que pudéssemos pensar que a produção científica pelo desenho etnográfico complementa o cabedal de possibilidades de construção de conhecimento nas ciências humanas.



A turismóloga como antropóloga em formação. (Aquarela e nanquim)



Narrativa oficial em foco arquitetônico: O Mercado Público dos cartões-postais. (Aquarela e lápis de cor)



Percepções mapeadas: localização do Mercado Público entre dois tipos de centros. (Grafite)



Interlocutores personificados. Ambiências, convivências e narrativas de um Mercado cotidiano. Sr. Agá, Sr. Aele, Sr. Erre. (Grafite)



Linha do Tempo do Sr. Agá: O Mercado Público entre transformações e subterrâneos túneis. Ligações de passados e presentes. (Aquarela e lápis de cor)



Audiência Pública na Câmara Municipal de Pelotas (RS). Pauta: Alteração de espaço para realização de eventos musicais promovidos pelas comunidades no interior do Mercado Público de Pelotas. Março de 2017. (Aquarela e lápis de cor)



Antropóloga desconstruída. (Aquarela e Nanquim)



Comunidades e as ambiências do evento Sexta-Black: retorno ao espaço em disputa. (Aquarela e lápis de cor)



Percepções

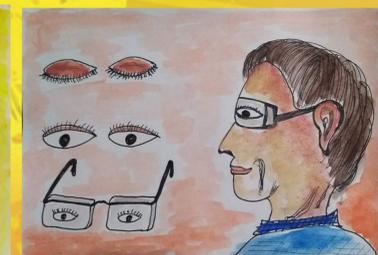
Os sentidos em desenho



Audição aguçada. (Aquarela e nanquim)



Papilas gustativas. (Aquarela e nanquim)



Baixa visão e lentes espessas: ampliação do olhar. (Aquarela e nanquim)



Corpos com seus inseparáveis acessórios em primeiro plano. Controle da saúde em segundo plano. (Aquarela e nanquim)



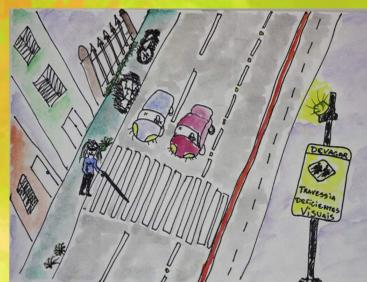
Olfato apurado. (Aquarela e nanquim)



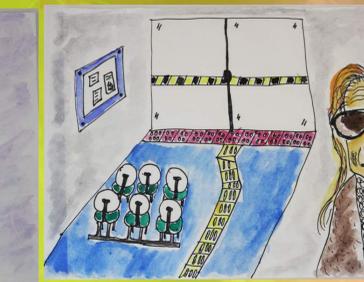
Super tato: o pé guia. (Aquarela e nanquim)



Braço-bengala: não mais um acessório, mas sim o próprio corpo. (Aquarela e nanquim)



Caminhada às cegas na cidade. (Aquarela e nanquim)



Paciente em espera: sala de recepção do Centro de Reabilitação Visual Louis Braille. (Aquarela e nanquim)



Fluxos



Centro de Reabilitação Visual da Associação Escola Louis Braille. (Aquarela e nanquim)

AGER, M. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. Mana, 21 (3): 483-498, 2015. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000300483 >
AZEVEDO, A.. Diário de Campo e Diário Gráfico: contribuições do desenho à antropologia. Altera - Revista de Antropologia, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 100-119, jan. / jun. 2016. Disponível em < <http://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/34737> >. Acesso: jul. 2017.
GARCIA, T. M.. Mercado Público de Pelotas no país das maravilhas: uma etnografia sobre a pluralidade narrativa de um patrimônio em disputa. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018.
KUSCHNIR, K.. A antropologia pelo desenho: Experiências visuais e etnográficas. Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 5, n.º 2, pag. 5-13, 2016.
RICOEUR, P.. Arquitetura e Narratividade. Urbanisme, n. 303, p. 44-51 nov./dez. 1998.
RODRIGUES, Guilherme R. de. Antropologia em ação: etnografia sobre o Centro de Reabilitação Visual Louis Braille em Pelotas-RS. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia – Antropologia Social e Cultural ou Arqueologia) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018.